

Os heróis da tragédia: A representação da masculinidade na Seleção Brasileira de 1982 na Revista Placar

Bruna Ferraz Barenco¹

Resumo: Neste artigo propomos analisar como a masculinidade é apresentada na figura dos jogadores da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1982. Sendo o futebol um campo predominantemente masculino, mas também um lugar de criação de identidades, as representações dos jogadores são fundamentais para entender a construção de identidade de um país e representar seu povo. No caso do Brasil em 1982, a copa constituiu um momento no qual o país passava por significativas mudanças políticas, com a transição democrática em curso, e essas mudanças impactaram também no futebol e nos atletas da seleção. Apesar da derrota na Copa, a seleção continuou sendo representada como heróis, como na revista Placar, demonstrando como a imagem dos jogadores da seleção de 82 é única devido ao momento de transição que representam, ao mesmo tempo que seguem fortalecendo a identidade nacional para o mundo.

Palavras-chave: futebol; copa do mundo; seleção brasileira; redemocratização; masculinidade

Introdução

O presente artigo se propõe a pensar a representação da masculinidade na Seleção Brasileira que jogou a Copa de 1982, na Espanha, baseando-se na análise de como esta foi retratada na mídia, especialmente na revista “Placar”, especializada em esportes e com grande foco no futebol.

Enquanto os estudos relacionados aos esportes têm crescido na historiografia, quando se pensa em gênero geralmente é ligado com ênfase no esporte feminino. Como aponta Joan Scott², o uso de gênero como categoria de análise muitas vezes é utilizado

¹ brunabarenco@hotmail.com

² SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Cadernos de História UFEP, Recife. v. 11, n. 11, p. 9-39. 2016.

como sinônimo de mulher. As múltiplas interpretações que se podem fazer da palavra, dentro dos estudos feministas e da história das mulheres, trazem à tona a questão de que o masculino é considerado a regra, o parâmetro geral, e o uso de “gênero” se limita a especificar quando o problema em questão se propõe a analisar mulheres.

Pensar a masculinidade é trazer o conceito de gênero para uma história dos homens, catalogando que eles também desempenham um papel social construído. É tirar o universal do homem e pensar o masculino como uma categoria historicamente construída e plural, que não pode ser considerada regra universal. O conceito de masculinidade por ser então compreendido como uma forma de violência simbólica³, marcada pela divisão dos papéis de gênero baseadas em uma construção de tradicionalidade.

O futebol, por ser um esporte ligado a masculinidade, é um ambiente muito marcado pela presença esmagadora de homens. Quando se fala em Seleção Brasileira, sem o acréscimo da palavra “feminino”, o que se vem a cabeça é sempre a seleção masculina. O espaço do futebol é um espaço amplo de construções de masculinidade e reafirmações do que é ser homem, de aspectos de virilidade e força. É um campo de construção de identidade de gênero, assim como de identidade nacional⁴. Os atletas da Seleção representam, dessa forma, os valores do homem ideal nacional, sendo a representação máxima do homem brasileiro, os que levam e personificam a identidade nacional nas competições internacionais, especialmente na Copa do Mundo de futebol.

A escolha pelo recorte temporal nos permite pensar a representação em um momento histórico crucial, enquanto o Brasil vivia o processo de redemocratização, saindo de uma ditadura militar. A masculinidade, assim como muitos outros conceitos, é sempre revisitada em momentos de autoritarismo e transições, intimamente ligada a questões de dominação. A imagem da Seleção de 1982 é única porque engloba esse momento de transição e questionamento, enquanto ainda tendo que representar um ideal identitário do homem nacional para o mundo.

³ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

⁴ ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol. MOTUS CORPORAIS, Rio de Janeiro, v. 10, n. I, p. 9-29, maio de 2003.

O esporte e a masculinidade no Brasil

O esporte como atividade física começou a ser praticado no Brasil, como algo considerado desejável, a partir do final do século XIX, e sempre teve como conotação principal a imagem de um homem ideal, o *sportsmen*, que apresentava como características principais a figura do homem atlético, viril e forte. Todas essas desejáveis características de masculinidade podiam ser afirmadas e colocadas em prática por meio dos esportes.

No berço do futebol brasileiro estavam os descendentes de ingleses e as camadas da elite, que viam no esporte britânico uma maneira de se aproximar dos ideais masculinos do estereótipo de homem europeu que admiravam. Nesse contexto, o futebol, de origens burguesas e inglesas, era um espaço onde os homens brasileiros buscavam se espelhar para se afirmarem em suas posições de homem. O espaço do esporte em geral era unicamente masculino, e no caso do futebol, as mulheres eram reduzidas a presenças nas arquibancadas durante um longo período.

Parte dessa limitação da participação das mulheres nos esportes se devia a políticas governamentais⁵ que mantinham as mulheres afastadas do esporte. A prática de atividades físicas por mulheres era vista como desagradável, visto que o corpo musculoso era considerado sinônimo de masculino. Mesmo com a revogação dessa lei, as limitações culturais de gênero em relação ao ambiente desportivo são marcantes, e impactam o desenvolvimento do futebol feminino até hoje, não só no Brasil, mas no mundo todo. A primeira copa do mundo de futebol feminino aconteceu apenas em 1991, enquanto o mundial masculino teve sua primeira edição em 1930.

O futebol aparece como intimamente ligado à masculinidade, representando características que são definidas como masculinas e negadas às mulheres. A rivalidade, lealdade, agressividade e força são alguns dos traços de masculinidade que aparecem como pontos centrais da disputa futebolística, assim como o prazer da vitória. O masculino, tão baseado na fonte do herói clássico, domina os ambientes esportivos e

⁵ O decreto-lei nº 3.199, criado no governo Vargas, vigorou até 1970 e proibia as mulheres de praticarem várias modalidades esportivas, justificando que eram “incompatíveis com as condições de sua natureza” (trecho da lei)

constrói uma ligação próxima entre o ideal de masculinidade e o atleta que defende as cores de sua camisa em campo.

Essa relação entre masculinidade e esporte aparece de maneira central quando o assunto é a Seleção Brasileira. Como o futebol se tornou o esporte mais influente e importante do mundo, o selecionado nacional se tornava a vitrine que mostrava ao mundo os valores e a força de determinado país. Conforme a Seleção brasileira foi ganhando prestígio, mas foram incorporados os valores de masculinidade como maneira de representar e engrandecer a imagem dos jogadores do selecionado nacional e a representação que eles criavam do seu país.

A construção do herói na Seleção

O primeiro jogo da Seleção Brasileira aconteceu em 1914, uma mistura do selecionado carioca e paulista, em dois amistosos contra o Exeter City, um time britânico. Mas o primeiro jogo contra uma outra seleção aconteceu no mesmo ano, no que ficaria conhecida como Copa Roca⁶, contra a Argentina. A partir disso, os campeonatos internacionais se tornaram mais frequentes, com o campeonato sul-americano acontecendo anualmente. Dessa forma, o selecionado nacional se tornava uma instituição que tinha como objetivo mostrar a imagem do Brasil para o mundo. O estereótipo do jogador de futebol era baseado na masculinidade burguesa, incluindo o tom de pele branco, com a grande maioria dos times e jogadores sendo brancos e filhos da elite.

Dentro desse primeiro momento, questões de classe e raça foram fundamentais no processo de formação do típico atleta brasileiro. Ligado a questão racial, o processo de construção de uma imagem da Seleção foi passando por situações em que o selecionado brasileiro convocado para uma competição foi todo formado por brancos e pelo episódio que culminou no apelido racista de “macaquitos” para a Seleção Brasileira, denominação usada de forma pejorativa até hoje para se referir a Seleção

⁶ Criada em 1914 pelo presidente argentino Julio Roca, é sempre disputada pelas seleções nacionais de Brasil e Argentina, e foi disputada até 1976. Em 2011, a competição foi reeditada com o nome de Superclássico das Américas.

brasileira, principalmente na Argentina. Mesmo assim, o primeiro grande craque da Seleção foi um negro, Friederich.

O foco da construção da masculinidade na Seleção Brasileira acaba também ligada a um estereótipo de herói. As rivalidades regionais entre as seleções sul-americanas nos campeonatos internacionais intensificaram essa visão, e com a vitória do Brasil no sul-americano de 1919, finalmente o futebol brasileiro apresentava um time com uma história vitoriosa de heroísmo dos seus atletas.

Mas foi a partir de 1930, com o advento da primeira Copa do Mundo, que se tornou ainda mais urgente a afirmação da masculinidade no esporte. Getúlio Vargas, presidente à época, foi um dos políticos que percebeu a força e a importância do futebol, e focou boa parte das propagandas do seu governo em fortalecer a figura do atleta e jogador de futebol brasileiro, tudo dentro de campanhas com a iniciativa de criar uma cidadania brasileira. Foi apenas em 1937 que a profissão de jogador de futebol foi regularizada, durante o governo de Vargas, que teve como mote a valorização do trabalhador e a regulamentação do trabalho, até no campo dos desportos. A própria filha de Vargas, Alzira, foi nomeada madrinha da Seleção Brasileira antes da Copa de 1938, ano no qual o Brasil chegou até as semifinais da competição, a melhor performance da Seleção em mundiais até então.

No entanto, a virada final para a construção da masculinidade do herói veio com a organização da Copa do Mundo de 1950, a primeira copa organizada depois do fim da Segunda Guerra Mundial. A vitória no sul-americano do ano anterior, e as boas exibições da Seleção brasileira criaram um ambiente de otimismo para a conquista do primeiro título mundial em casa. Ganhar uma Copa do Mundo seria mostrar para o mundo as qualidades do Brasil, já que uma vitória esportiva era também uma vitória da nação. Por isso, a derrota para o Uruguai, na final em pleno Maracanã lotado, foi um duro golpe na população brasileira. Não era apenas uma derrota, era uma humilhação para a representação dos homens brasileiros.

Nesse sentido, podemos recuperar o herói, que como apresentado por Joseph Campbell⁷, pode ser considerado um dos estereótipos mais notáveis de masculinidade, e

⁷ CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

um dos mais intrinsecamente ligados aos esportes. O atleta de sucesso constrói uma trajetória que o torna um herói para seu país e seu povo. A superação dos limites é um dos aspectos mais marcantes do esporte, e no caso do futebol, a glória particular está ligada com a glória do grupo. E no caso das seleções, a glória do grupo é a glória nacional.

O primeiro título de Copa do Mundo do Brasil, conquistado em 1958, na Suécia, marca o surgimento de um verdadeiro esquadrão de heróis nacionais. A figura daqueles homens foi valorizada como a representação da honra da população e a força do homem brasileiro. Com a conquista do bicampeonato em 1962, o futebol brasileiro e principalmente a Seleção alcançam um status incomparável para o futebol na época. As figuras de Pelé e Garrincha, ambos homens negros e de origens humildes, como os principais jogadores desse esquadrão vitorioso, se juntaram as teses de Gilberto Freyre sobre as questões raciais brasileiras e seus reflexos na prática esportiva, construindo uma visão do futebol brasileiro como uma representação da “malandragem”, e sendo o diferencial que levou o Brasil ao sucesso no futebol⁸.

O tricampeonato em 1970 colocou o Brasil como o maior vencedor da competição, e o esquadrão que defendeu a amarelinha no México naquele ano foi considerado um dos maiores de todos os tempos. Essa conquista veio em outro momento chave da política brasileira: a ditadura civil-militar, iniciada em 1964. A vitória na Copa do Mundo de 1970 foi amplamente utilizada como propaganda política, enaltecendo os jogadores como heróis nacionais e representantes da força brasileira. Nesse momento, com as forças militares no poder político, os padrões de masculinidade eram ainda mais exacerbados e valorizados, por essa ser uma característica marcante das forças militares.

Nas edições seguintes do torneio mundial, a preparação da Seleção brasileira foi militarizada, com mais treinamentos e uma maior rigidez na preparação em 1974 e 1978, refletindo os valores do governo da ditadura civil-militar, com destaque para a participação do almirante Heleno Nunes, presidente da CBD⁹ e posteriormente CBF¹⁰

⁸ Freyre, Gilberto, “Prefácio”, in Rodrigues Filho, Mário O negro no futebol brasileiro. 1947. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores.

⁹ Confederação Brasileira de Desportos

entre 1975 e 1980. Apesar disso, a Seleção não conquistou títulos em nenhuma dessas edições, apresentando um futebol distante do futebol arte que ficou famoso em 1970. Mesmo assim, a imagem de heróis foi mantida pela eliminação, julgada injusta, na segunda fase do torneio de 1978.

Com tudo isso, somado a um processo de redemocratização que começou a ser construído a partir da entrada de Figueiredo no poder, a Seleção passou por um novo momento de transformação e ressignificação. A Copa de 1982 seria um momento de valorizar novamente a identidade brasileira, resgatando o orgulho nacional por meio de boas performances dentro do campo de futebol.

A representação da masculinidade na Seleção de 1982

O futebol sempre ocupou um lugar central nos veículos de informação no Brasil, devido a sua grande popularidade adquirida no século XX. As coberturas dos campeonatos nacionais e internacionais, bem como do dia a dia dos clubes, era constante nas mídias. Mais do que ter uma seção reservada para tal, surgiram veículos de informação exclusivos sobre esportes, como o Jornal dos Sports, que circulou de 1931 a 2010 e foi famoso não só pela sua cobertura esportiva, mas pelas páginas cor de rosa, e a Revista Placar, que começou a ser publicada pela editora Abril em 1970, ano do tricampeonato brasileiro na Copa do Mundo.

É interessante trazer atenção para o ano de início da Revista Placar, veículo de informação escolhido como fonte para esse artigo. Desde suas primeiras publicações em 1970, a Placar já trazia uma grande atenção para a Copa de 1970. O fato de ter sido iniciada no meio da ditadura civil-militar com certeza foi uma das razões que explica o discurso focado na Seleção, apesar de dar muita atenção para os clubes. As imagens dos atletas apareciam sempre de forma a demarcar os seus esforços e força, construindo uma forte imagem ligada a masculinidade.

As questões de representação de masculinidade na imprensa esportiva aparecem em todo tipo de abordagem, tanto sobre os clubes, que também valorizam essas características, mas tem uma marca muito mais forte na cobertura das seleções. Uma

¹⁰ Confederação Brasileira de Futebol

vez que representa a imagem do país, a Seleção tem um peso maior se comparado aos clubes, que representam seus torcedores e identidades mais restritas e criadas entre aquele grupo.

Após a conquista da Copa de 1970, o Brasil não ganhou nenhuma das edições posteriores do mundial, o que não mudou muito a forma como os atletas eram vistos ao se preparar para a competição. Mesmo criticados por performances julgadas abaixo da média para o futebol-arte brasileiro, o discurso geral deixava claro que os atletas da Seleção tinham como missão principal representar o país e serem heróis nacionais. A eliminação polêmica na triangulação da Copa de 1978, depois de uma goleada da Argentina, que viria a ser a campeã, por 6x0 sobre o Peru, criou uma narrativa de heroísmo mesmo na derrota, com a Seleção Brasileira ganhando da imprensa o título de “campeã moral”, apesar de reclamações da mesma imprensa em relação a “covardia” do técnico Claudio Coutinho durante a Copa¹¹, o que demonstra a dualidade de percepções em um único momento da seleção.

Nesse contexto, durante o final da década de 70 e início dos anos 80, o selecionado brasileiro passava por uma renovação geracional. Pelé, Gerson e companhia, heróis da conquista de 1970, se aposentaram dos gramados e novos atletas de destaque surgiram. Zico, que viria a ser um dos principais nomes da Seleção na década de 1980, chegou a ser convocado para a o mundial de 1978, mas ainda não era titular. Novos ídolos surgiram, ganhando destaque em seus clubes e chegando até o esquadrão nacional.

É importante pensar em parêntese como esses jogadores de destaque no início da década de 1980 tem um perfil muito diferente da década anterior. Enquanto, querendo ou não, os jogadores da Seleção de 1970 foram fortemente identificados com a ditadura civil-militar, seja pela postura mais sóbria ou estilos como cortes de cabelo, o perfil dos atletas que fizeram parte do grupo das eliminatórias para e da Copa de 1982 era completamente diferente, com ênfase para o meio campista Sócrates, que comandava a Democracia Corinthiana¹². Mesmo com a questão política entrando em campo de

¹¹ PLACAR. São Paulo: Abril, edição 427, ano 8, 30 de junho de 1978.

¹² A Democracia Corinthiana foi um movimento que durou de 1982 até 1984, e é conhecido até hoje por ser o maior movimento político dentro do futebol brasileiro. Em resumo, durante esse período todas as

formas muito diferentes das vistas anteriormente, o discurso em relação a esses jogadores permanecia pautado na figura do herói. O clima de “tudo ou nada”, misturando receio e euforia com a volta do futebol arte, estava presente a todo momento na cobertura extensiva que a Placar fazia da Seleção Brasileira.

Como discutido anteriormente, a masculinidade se baseia em características atribuídas como pertencentes naturalmente a um gênero, e essas características se refletem e se encaixam no ambiente esportivo, especialmente no futebol, neste caso. Dentro do que se construiu como valores da masculinidade, a figura do herói é algo que incorpora todos esses valores, aproximando o conceito de herói do que a masculinidade aspira em seu homem perfeito.

Os jogadores de futebol aparecem como personagens facilmente encaixados nessa dupla noção. Além do discurso escrito, onde as vitórias (e algumas derrotas) são sempre comparadas com uma saga épica, as imagens escolhidas para ilustrar as matérias são marcantes. Os jogadores brasileiros aparecem sempre em poses heroicas, comemorando um gol, dominando a bola ou em destaque em pé em relação a um adversário no chão.

O discurso imagético é parte fundamental da narrativa que se conta, o visual podendo ter um impacto ainda maior que o escrito. Como apontado por Belting¹³, as imagens simbolizam nossa percepção e recordação do mundo, de maneira que quais imagens e em quais meios que as imagens circulam são características fundamentais para a construção da memória e das representações performadas e lembradas. A escolha de fotografias com foco nos jogadores da seleção como figuras heroicas, e sua circulação em uma revista popular como a Placar demonstram como essa masculinidade era importante na reprodução da imagem do selecionado nacional.

Na edição 563 da Revista Placar, em fevereiro de 1981, uma das principais reportagens trata sobre a vitória do Brasil por 2x1 sobre a Bolívia, que garantiu a classificação para a Copa de 1982. Essa matéria, escrita pelo jornalista Carlos Magalhães, que cobria a Seleção Brasileira na época, é um bom exemplo da construção

decisões importantes do clube eram tomadas por meio do voto igualitário entre jogadores, dirigentes e funcionários.

¹³ Belting, H. *Antropología de la Imagen*, Traducido por Gonzalo María Vélez Espinosa, Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

da figura do homem herói no esquadrão nacional. Ainda mais por ter sido uma vitória suada, é destacado o esforço e heroísmo dos atletas. Eleito o protagonista do jogo, Sócrates aparece como a principal imagem, abrindo a matéria em uma página inteira, comemorando um dos gols do Brasil no jogo. A linguagem corporal da imagem escolhida denuncia a posição de vitorioso, de glória alcançada. Ao colocar uma foto do jogador pulando, no momento que é considerado o ápice do jogo de futebol (o gol), a mensagem de grandeza é deixada clara.

Nessa mesma reportagem, o texto exalta o heroísmo da Seleção em ganhar o jogo mesmo com um jogador expulso no início do segundo tempo, quando o placar seguia empatado. A vitória aparece como “uma questão de honra pessoal”¹⁴ para os jogadores. A coragem e a honra da disputa são centrais na narrativa sobre a vitória deste jogo, colocando o adversário no lugar do antagonista em relação ao time brasileiro. A visão de que cada jogo é uma batalha é amplamente enraizada, principalmente no futebol sul-americano, pautada em rivalidades construídas desde os primeiros campeonatos sul-americanos na primeira metade do século XX, exacerbando as já existentes rivalidades regionais entre os países.



Figura 1: Sócrates aparece em destaque, comemorando um gol

¹⁴ PLACAR. São Paulo: Abril, edição 563, ano 12, 21 de fevereiro de 1981. Página 4.

Essa representação é uma constante nas matérias da revista sobre a Seleção, além de ser difundida também nos anúncios e propagandas que contam com a presença de jogadores ou de símbolos nacionais. O talento, a força de vontade e a virilidade do time são temas frequentes das representações da Seleção no conteúdo da revista. As vitórias do Brasil em uma turnê de amistosos pela Europa são descritas como uma epopeia, com títulos como “O heroico Brasil em Wembley”¹⁵.

Mas a euforia esbarra no que Nelson Rodrigues chamou de “complexo de viralata”, em 1958. Ao mesmo tempo que se constrói uma narrativa da Seleção Brasileira como heroica, a dúvida está sempre presente. A vitória, sempre um fator fundamental do futebol, aparece aqui como algo ainda mais importante: a honra dos homens que vestem a camisa amarelinha depende disso, e conseqüentemente, a honra do país também. De certa forma, isso leva a uma representação contraditória da masculinidade na Seleção Brasileira, ao mesmo tempo exaltada e questionada.

A expectativa que se criou sobre a geração de 1982, baseada na visão daquela como uma nova geração de ouro, gerou um ambiente ainda mais forte de “tudo ou nada”. O trauma da derrota em 1950 continua pauta frequente, naquela que foi a Copa que criou um dos mais famosos vilões do futebol brasileiro, o goleiro Barbosa, acusado de falhar nos dois gols do Uruguai. Mas a construção midiática da geração de 1982 já era muito diferente. Zico, Falcão, Éder, Júnior e principalmente Sócrates já eram coroados como ídolos de seus clubes, e tinham protagonismo também no selecionado nacional, sendo temas frequentes de manchetes que fortaleciam suas imagens. Sócrates, por exemplo, foi garoto propaganda de diversas marcas, além de escrever uma seção exclusiva na revista Placar durante a Copa do Mundo sobre a sua experiência em campo.

Para além da narrativa heroica nas vitórias, o interessante de se notar é que mesmo quando a Seleção foi derrotada e eliminada pela Itália, que viria a ser a campeã daquela Copa do Mundo, a geração de 1982 continua sendo considerada como heróis. Juca Kfoury chama sua coluna de “A triste sina de um punhado de heróis”, na edição 633 que cobriu a derrota brasileira.

¹⁵ PLACAR. São Paulo: Abril, edição 575, ano 12, 22 de maio de 1981.



Figura 2: páginas duplas destacando a derrota do selecionado brasileiro na Copa de 1982

A reportagem principal, intitulada “Tragédia de Barcelona”, traz como imagem central uma foto com a maioria de jogadores italianos, e com um brasileiro no chão e outros três em pé, mas não completamente de cabeça baixa. Os italianos não aparecem comemorando no fundo, de forma que sem o título da reportagem, a interpretação da imagem por até ser um pouco ambígua. Ainda assim, por ser uma derrota, as fotografias escolhidas demonstram uma representação menos heroicizada dos atletas brasileiros, um claro contraste com os jogos anteriores.

Mas apesar da derrota, a Seleção tem sua performance valorizada, e a matéria termina com uma nota de esperança sobre o próximo mundial. As cores do Brasil, verde e amarelo, principalmente o amarelo, combinam com o preto no plano de fundo da página colorida, mais uma forma de destacar a esperança mesmo em contraposição com a derrota. A construção da masculinidade heroica nessa geração, talvez pelas características do futebol, talvez pelo papel da cobertura midiática da Seleção trabalha de tal forma que mesmo com a eliminação, a missão de ganhar a Copa, a conquista do ato final do arco do herói, apenas passa para a edição posterior.

Considerações finais

O conceito de masculinidade é parte central da identidade construída dentro dos esportes, e com o futebol não é diferente. A crença de que o espaço do futebol é um espaço masculino permanece em foco, e essa distinção de gênero se reflete dentro e fora do campo de futebol. O futebol é identificado como um esporte masculino, e por consequência, as Seleções nacionais que se baseiam em uma forma de representar a população, mais precisamente são um reflexo do que idealmente o homem nacional deve ser, englobando as características da masculinidade.

A mídia age, hoje, como principal veículo que constrói o ideal e a narrativa do selecionado nacional. A forma como os jogadores e os times são representados, tanto na carreira quanto na vida profissional, evidenciam que o esporte está em constante diálogo com a cultura e com o social. A construção de uma imagem de Seleção sempre heroica evidencia a busca pelos traços da masculinidade, de forma a valorizar o homem nacional e seu esforço para trazer glória para a nação.

Ao encarar a derrota em 1982 como uma tragédia para os heróis, é mantida a esperança de que novas conquistas podem acontecer no futuro, porque os personagens principais, os jogadores, são construídos na base dos valores da masculinidade. Apesar da decepção, a fraqueza não é uma opção em um sistema que reproduz a masculinidade, e não pode ser admitida, então são encontradas outras explicações para manter a narrativa de heroísmo. Palavras de consolo e esperança mantêm viva a ideia de que a derrota é uma lição que aqueles homens aprenderam e que de agora em diante seriam mais fortes, ou, segundo a jornada do herói, a superação suprema ainda não concretizada.

Assim, o ciclo parece quase sempre se repetir. Apesar de 1982 ser uma Seleção admirada pelos fãs de futebol até hoje, é um exemplo do quão enraizados estão os princípios da masculinidade na figura desses atletas que não tem espaço para o erro. A honra dos homens é mantida em levantar a cabeça e pensar na próxima oportunidade, o que no futebol significa buscar o título na próxima copa.

Referências

ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil através del fútbol. MOTUS CORPORIS, Rio de Janeiro, v. 10, n. I, p. 9-29, maio de 2003.

BELTING, H. Antropología de la Imagen, Traducido por Gonzalo María Vélez Espinosa, Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2º edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL, decreto lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro, RJ, abr 1941. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 31 mar. 2020.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

COSTA, Leda. Hermenêutica da derrota. Imprensa esportiva e seleção brasileira nas Copas do Mundo. 2012, Águas de Lindóia. 36º Encontro Anual da ANPOCS. Congresso 2012.

FLORENZANO, José Paulo. A democracia corinthiana – práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo. Educ. 2009.

GUTERMAN, Marcos; O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HOOKS, Bell. Prefácio à edição de 2015; Introdução: aproxime-se do feminismo e Políticas feministas: em que ponto estamos. In: HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019, p. 7-24.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol é masculino?. Estudos socioculturais do esporte, n. Especial I. Outubro, 2012.

LAHUB, Simone Guedes, O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspense” e história. XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado, RS. Fórum de Pesquisa de Antropologia do Esporte.

LUGONES, María. Rumo ao feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, 935-952, set./dez., 2014.

PLACAR. São Paulo: Abril, edição 427, ano 8, 30 de junho de 1978.

4 ● Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol

PLACAR. São Paulo: Abril, edição 563, ano 12, 21 de fevereiro de 1981.

PLACAR. São Paulo: Abril, edição 575, ano 12, 22 de maio de 1981.

PLACAR. São Paulo: Abril, edição 633, ano 12, 09 de julho de 1982.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. A construção da Nação Canarinho: uma história da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro, Editora FGV. 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Cadernos de História UFEP, Recife. v. 11, n. 11, p. 9-39. 2016.

SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo. Futbolologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.